

INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO DA MAIA

10 de Abril de 2005

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, GENERAL

Ontem, dia 9 de Abril, junto ao túmulo dos Soldados Desconhecidos, na Batalha, evocámos no Dia do Combatente, todos os que ao longo da nossa História serviram Portugal nos momentos mais difíceis da sua existência. Aqueles em que os responsáveis políticos decidiram recorrer à força para a resolução dos conflitos que tivemos de enfrentar. Hoje na Maia, como tem sido ao longo de todo o Portugal e, com admiração de muitos, não obstante o tempo que nos vai separando dos acontecimentos continuará a acontecer, um punhado de portugueses, antigos combatentes, apoiados pela entidades autárquicas locais, decidem levantar um padrão muito próprio, muito seu, porque aos seus mais chegados diz respeito. Nesta Terras da Maia, berço de Combatentes, Bispos-Guerreiros e Lidadores. Terra pré-histórica. Terra romana nos caminhos de S. Tiago. De Praças e Palcos de História de Portugal, hoje enriquece. Enriquece o Património Cultural Maiano. Acrescentam-se pedaços da nossa memória coletiva à sua identidade cultural. Hoje enriquece a milenar riqueza das terras do Lidador.

Inaugura-se um Monumento aos Combatentes da Guerra do Ultramar. À memória daqueles que se juntam aos guerreiros afonsinos, aos fronteiro-mor e adiantado do reino de Afonso Henriques. A muitos dos que como estes, lutando com valentia tiveram uma morte heroica. Os que aqui nos encontramos hoje e somos responsáveis pela conservação da memória coletiva, tivemos a felicidade de não termos alimentado o mar vermelho da guerra com a gota final do nosso sangue e por isso respeitamos e admiramos, como ninguém, a memória daqueles que o fizeram. Fomos um dia cidadãos fardados. Fomos um dia soldados. Fomos e continuamos a ser Combatentes por Portugal. Exteriorizamos com frequência e da melhor forma, a honra que temos em termos cumprido um juramento.

Hoje uma palavra muito especial aos Combatentes da Maia que saúdo. E aos Combatentes do Batalhão 114 que aqui hoje se reúne, revivendo Angola, os Dembos e Quicabo e a quem cumprimento na pessoa do senhor Major-General Mário Lemos Pires e a quem igualmente peço transmita ao senhor General Oliveira Rodrigues, ao tempo Comandante deste Batalhão o meu apreço e reconhecimento pelo exemplo e referência que sempre foi para os militares da minha geração. É desta forma pública, moldando de uma forma artística um sentimento profundo do homem que se bateu, ultrapassando ou não a morte, que o passado quer, no presente, deixar uma mensagem à juventude e ao futuro. A pedra dura, como dura foi a vida nesses momentos, ajudará a memória coletiva a sustentar no tempo, os diferentes pedaços que ajudam a formar a identidade nacional. Estes padrões, estes monumentos, não podem, não devem, ser monumentos mortos.

Devem tornar-se lugares de visita e de culto dos valores permanentes dos portugueses em especial dos mais novos. Aqui recorda-se a vida real, o conflito permanente que nos rodeia e buscam-se exemplos de como os resolver com honra, quando e se necessário. Aqui buscam-se pedaços da nossa História. Eles ajudarão a compreender e a ultrapassar as dificuldades do próprio presente. Eles ajudarão a ter confiança e a fortalecer as forças morais que devem sustentar as soluções do futuro. É por isso que a Maia está de parabéns. É por isso que a Liga dos Combatentes, o seu Presidente e os Combatentes em geral se congratulam com esta iniciativa. Iniciativas que são a demonstração plena de patriotismo, culto da nossa história, respeito pelos valores vitais da sociedade portuguesa e que nascendo na base da pirâmide, brotam e vão de encontro aos sentimentos mais genuínos dos portugueses.

Aqui, na Maia, mais uma vez, Portugal acontece.

E o presente maiano, buscando tranquilidade e grandeza nas mais profundas raízes da própria nacionalidade, ao mesmo tempo que alimenta a sua identidade, alimenta com este padrão a continuidade de um Portugal Substantivo que não esquece os seus maiores.